

ENUNCIÇÃO E METÁFORA NA LINGUAGEM DA CRIANÇA: UM ESBOÇO DE ESTUDO

Valdir do Nascimento Flores⁷³

RESUMO

A metáfora não constitui um tema de investigação frequente no escopo dos estudos enunciativos. No entanto, em *Vista d'olhos sobre o desenvolvimento da linguística*, texto de 1963, o linguista Émile Benveniste faz alguma consideração sobre o tema. Segundo ele, a estrutura relacional da linguagem permite ver a metáfora como uma transferência analógica que se constrói no discurso. Este trabalho objetiva propor uma forma de analisar a metáfora na enunciação. Para isso, analisa dados de aquisição de linguagem.

PALAVRAS-CHAVE: Metáfora. Aquisição da linguagem. Enunciação.

ABSTRACT

The metaphor is not a frequent topic of research within the scope of the studies enunciation. However, in *Vista d'olhos sobre o desenvolvimento da linguística*, text 1963, the linguist Émile Benveniste makes some consideration on the topic. According to him, the relational structure of the language allows you to see the metaphor as a transfer analog that is constructed in discourse. This paper aims to propose a way to analyze the metaphor in the enunciation. For this, analyzes data from language acquisition.

KEYWORDS: Metaphor. Language acquisition. Enunciation.

Introdução

A metáfora não constitui um tema de investigação frequente no escopo dos estudos enunciativos e menos ainda se se considerar aqueles do linguista Émile Benveniste.

Essa ausência indica que tal trabalho ainda está por ser feito. Não é de meu conhecimento nenhuma investigação que tenha dado atenção a uma abordagem de base enunciativa da metáfora. Creio, entretanto, que um estudo dessa natureza levaria o pesquisador a conclusões muito diferentes das que se tem a partir dos pontos de vista presentes em estudos psicolinguísticos, tropológicos e discursivos, entre outros.

Na verdade, examinando os textos constantes em *Problemas de linguística geral I e II* – livros que são fonte para todos os que se interessam pela reflexão de Benveniste – encontrei alguns poucos usos da palavra *metáfora*. E, na maioria das vezes, trata-se de um uso que poderia ser classificado como “não teórico”. Como por exemplo: “Permanece ainda possível, por meio de algumas **metáforas**, assimilar a execução de uma composição musical à produção de um enunciado de língua; poder-se-á falar de um ‘discurso’ musical” (BENVENISTE, 1969/1975, p. 60) [grifo meus]

Há, porém, duas passagens em que o autor fala em *metáfora* de uma perspectiva que se poderia considerar teórico-conceitual.

⁷³ Professor de linguística e língua portuguesa do PPG-Letras da UFRGS. Pesquisador Pq-CNPq.

Trata-se, primeiramente, do texto *Vista d'olhos sobre o desenvolvimento da linguística*, artigo de 1963. Segundo ele,

“A linguagem oferece o modelo de uma estrutura relacional, no sentido mais literal e mais compreensivo ao mesmo tempo. Ela coloca em relação, no discurso, palavras e conceitos e produz assim, na representação de objetos e de situações, *signos* que são distintos dos seus referentes materiais. Institui essas **transferências analógicas de denominações que chamamos metáforas**, fator tão poderoso do enriquecimento conceptual. Encadeia as proposições no raciocínio e torna-se o instrumento do pensamento discursivo”. (BENVENISTE, 1963/1966, p. 28) [grifos meus, itálicos do autor].

Nessa formulação, Benveniste apresenta, no mínimo, três observações importantes para aqueles que se interessam pelo fenômeno da metáfora:

- a) a linguagem tem uma estrutura relacional;
- b) a linguagem – e tudo indica, pelo contexto em que aparece, que Benveniste esteja usando o termo *linguagem* no sentido de *língua*, nessa passagem – , quando discurso, coloca em relação palavras e conceitos. Observe-se que, aqui, Benveniste não diz que se trata de uma relação entre *signos* e *conceitos*, nem mesmo entre *significante* e *significados*, mas uma relação entre *palavra* – algo que já é discurso, portanto, – e *conceitos*. Ou seja, a linguagem coloca em relação um elemento do discurso e um elemento de ordem conceitual.
- c) essa relação produz *signos* distintos do que normalmente se poderia considerar seus referentes materiais;
- d) o conjunto de (a), (b) e (c) institui *transferências analógicas de denominação*, as metáforas.

Se entendi bem esse raciocínio de Benveniste, poder-se-ia conceituar a metáfora como *transferências analógicas de denominação produzidas no discurso*. Tal conceito, parece-me, guarda alguma diferença em relação ao que se conhece na literatura em geral sobre o tema.

O segundo uso teórico-conceitual de *metáfora* que encontrei em *Problemas de linguística geral* está no texto *Observações sobre a função da linguagem na descoberta freudiana*, de 1956, no qual é antecipada a ideia de *transferência analógica*, retomada anos mais tarde, em *Vista d'olhos sobre o desenvolvimento da linguística*.

Esse texto é bastante complexo. Ele é escrito, em atendimento a um pedido de Jacques Lacan, para integrar o primeiro volume da revista *La psychanalyse*. Nele Benveniste avalia a relação que Freud estabelece entre a linguagem onírica e a propriedade que teriam as “palavras primitivas” de conterem sentidos opostos. Em linhas gerais, Freud, com base em um estudo do linguista alemão K. Abel, associa a ausência de contradição da lógica onírica – o fato de que não há contradição no sonho – a uma suposta ausência de contradição do sentido das palavras primitivas. Freud pensa, então, ter descoberto uma analogia entre o processo do

sonho e a semântica das línguas primitivas, nas quais um mesmo termo enunciaria uma coisa e igualmente o seu contrário.

Benveniste vai se opor ferrenhamente não à parte dedicada ao estudo do sonho da teoria freudiana, mas ao recurso ao estudo de K. Abel das ditas “línguas primitivas”. As críticas de Benveniste a Abel são muitas. Para ele, não se pode falar em “línguas primitivas”. As línguas são o que são na sua sincronia. A ideia de “língua primitiva” é estranha à linguística sincrônica de Benveniste.

No entanto, no fim do artigo, Benveniste supõe uma aproximação entre o sonho (o inconsciente, portanto) e “certos processos típicos da subjetividade manifestada no discurso” (BENVENISTE, 1956/1966, p. 86): os processos *estilísticos* do discurso. Essa aproximação se daria nas *analogias* que se esboçariam entre os ditos *processos estilísticos do discurso* e as propriedades do sonho. E conclui:

O inconsciente emprega uma verdadeira “retórica” que, como o estilo, tem as suas “figuras” e o velho catálogo dos tropos proporcionaria um inventário apropriado aos dois registros da expressão. Encontram-se aí num e noutro, todos os processos de substituição engendrada pelo tabu: o eufemismo, a alusão, a antífrase, a preterição, a litotes. A natureza do conteúdo evidenciará todas **as modalidades da metáfora**, pois é de uma **conversão metafórica** que os símbolos do inconsciente tiram o seu sentido e ao mesmo tempo a sua dificuldade. (BENVENISTE, 1956/1966, p. 86)

Assim, vê-se que a ideia de metáfora como transferência analógica – *conversão*, nos termos acima – que se dá no discurso é o ponto de vista a partir do qual Benveniste entende a metáfora.

Feitas essas observações iniciais, é tempo de explicitar a intenção deste trabalho: objetivo apresentar os termos pelos quais penso que seria possível abordar o fenômeno da metáfora no quadro de uma teoria da enunciação. Para ilustrar essa abordagem, pretendo tecer algumas considerações analíticas tomando por objeto um fato de linguagem da criança. Os dados analisados são retirados do Banco de Dados utilizado por Silva (2009).

O desenvolvimento deste texto dar-se-á a partir de um percurso muito simples: a) num primeiro momento, apresento, em linhas gerais, o contexto no qual Benveniste produziu a reflexão citada acima, ou seja, examino mais detidamente, em especial, o texto *Vista d’olhos sobre o desenvolvimento da linguística*; b) num segundo momento, faço minhas considerações a respeito de como penso a questão da metáfora no escopo desse referencial; c) finalmente, tento apresentar a análise inicial de um fato de linguagem de uma menina de 2 anos.

Antes de passar ao restante do trabalho, vale uma observação: como disse acima, Benveniste não estuda a metáfora. Creio que não há muitas outras referências ao tema no conjunto de sua obra, além das passagens destacadas acima. Isso significa que o que passarei a afirmar não deve ser imputado a Benveniste. Sem dúvida, acredito que as reflexões que proponho não vão de encontro ao que formula o autor no conjunto de sua obra, no entanto, seria excessivo imputar-lhe a responsabilidade da análise e da interpretação feita adiante.

O contexto da noção de metáfora como transferência analógica de denominação produzida no discurso

Vista d'olhos sobre o desenvolvimento da linguística – contexto mais evidente da formulação da ideia de metáfora aqui identificada - é um texto complexo. Dividido em duas partes, apresenta, na primeira, como bem sugere o título, uma espécie de balanço do estado da arte em torno da reflexão linguística do século XX até então; na segunda parte, vê-se uma proposta mais autoral, na qual Benveniste toca em temas caros – cultura, sociedade, função simbólica etc. – ao seu próprio entendimento da linguística. Observe-se cada uma dessas partes de maneira mais pontual.

Na primeira, o autor lembra a natureza dupla do objeto da linguística: é ciência da linguagem e ciência das línguas. Diz ele:

Começemos por observar que a linguística tem duplo objeto: é ciência da linguagem e ciência das línguas. Essa distinção, que nem sempre se faz, é necessária: a linguagem, faculdade humana, característica universal e imutável do homem, não é a mesma coisa que as línguas, sempre particulares e variáveis, nas quais se realiza. É das línguas que se ocupa o linguista e a linguística é em primeiro lugar a teoria das línguas. Dentro da perspectiva em que nos aqui colocamos, veremos que essas vias diferentes se entrelaçam com frequência e finalmente se confundem, pois os problemas infinitamente diversos das línguas têm em comum o fato de que, a um certo grau de generalidade, põem sempre em questão a linguagem. (BENVENISTE, 1963/1966, p. 19)

Benveniste centra boa parte de sua reflexão, nesse momento, na tentativa de dar a ver a originalidade do pensamento de Ferdinand de Saussure para a linguística. Por isso, acrescenta:

sob a inspiração do *Cours de linguistique générale* de Ferdinand de Saussure (1916), determina-se uma nova noção da língua. Os linguistas tomam consciência da tarefa que lhes cabe: estudar e descrever por meio de uma técnica adequada a realidade linguística atual, não misturar nenhum pressuposto teórico ou histórico na descrição, que deverá ser sincrônica, e analisar a língua nos seus elementos formais próprios. (BENVENISTE, 1963/1966, p. 20)

A partir disso, Benveniste resguarda a noção de sistema como sendo um ponto de grande originalidade de Saussure:

Quando os linguistas começaram, a exemplo de Saussure, a encarar a língua em si mesma e por ela mesma, reconheceram este princípio que se tornaria o princípio fundamental da linguística moderna: a **língua forma um sistema. Isso vale para qualquer língua, qualquer que seja a cultura onde se use, em qualquer estado histórico em que a tomemos**”. (BENVENISTE, 1963/1966, p. 21) [grifos meus].

Na segunda parte, vê-se um Benveniste mais preocupado em determinar a *função da linguagem*: “a linguagem representa a mais alta forma de uma faculdade que é inerente à condição humana, a faculdade de simbolizar” (BENVENISTE, 1963/1966, p. 26). O simbólico da linguagem, para ele, é *mediatizante*, isto é, o organizador do pensamento que se realiza numa determinada língua: “não há relação natural, imediata e direta entre o homem e o mundo, nem entre o homem e o homem. É preciso haver um intermediário, esse aparato simbólico, que tornou possíveis o pensamento e a linguagem. Fora da esfera biológica, a capacidade simbólica é a capacidade mais específica do ser humano” (BENVENISTE, 1963/1966, p. 28)

É nesse contexto, da linguagem como *mediatizante* realizada em uma dada língua, que Benveniste diz ser a metáfora uma transferência analógica de designação que se produz no discurso.

E como essa formulação pode ser compreendida? O que Benveniste entende por *transferência analógica de designação*?

Ora, a resposta parece já estar antecipada anos antes, em outro texto do autor, *A noção de “ritmo” na sua expressão linguística*, de 1951. Nesse texto, Benveniste, grosso modo, faz uma crítica à acepção tradicional, segundo a qual o sentido grego de *ritmo* teria sido tomado aos movimentos regulares das ondas. Benveniste recupera a história da palavra *ritmo* e distingue um uso pré-platônico e um uso platônico, situando na filosofia de Platão o uso de *ritmo* como movimento regular. Contra essa ideia platônica – vinda da contemplação do *jogo das vagas na praia* – Benveniste mostra que o entendimento de ritmo como algo cadenciado, regular, “somos nós (...) que metaforizamos hoje, quando falamos do ritmo das ondas” (BENVENISTE, 1951/1966, p. 335).

Eis um exemplo de *metaforização*, de *transferência analógica de denominação*, para usar a expressão de Benveniste. O sentido moderno de *ritmo* como algo cadenciado é uma *metaforização* do movimento regular das ondas.

Assim, pode-se dizer que a metáfora é uma transferência de sentido feita no discurso que produz uma nova designação. Isso posto, falta ainda precisar como essa noção de metáfora se articula à teoria enunciativa de Benveniste.

A metáfora na enunciação

No texto, de 1970, *O aparelho formal da enunciação*, Benveniste define a enunciação como o “colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização” (PLG II, p. 82). A isso, acrescenta: “Este grande processo [a enunciação] pode ser estudado sob diversos aspectos” (BENVENISTE, 1970/1974, p. 80). Um dos principais aspectos lembrados no texto é o que coloca em destaque o quadro formal de realização da enunciação: “Pode-se, enfim, considerar uma outra abordagem, que consistiria em definir a enunciação no quadro formal de sua realização” (BENVENISTE, 1970/1974, p. 80).

E qual é esse quadro? É Benveniste que responde: “Na enunciação consideraremos sucessivamente o próprio ato, as situações em que ele se realiza, os instrumentos de sua realização” (BENVENISTE, 1970/1974, p. 81). É assim que deve proceder o linguista para a análise da enunciação: partir do ato, examinar a situação em que se dá esse ato e, finalmente, descrever os recursos linguísticos (os instrumentos) que tornaram possível o ato. Em linhas gerais, o quadro formal da enunciação é constituído pelo ato - no qual estão implicados locutor e alocutário -, pela situação - na qual se constitui a referência construída no discurso -, e pelos instrumentos de realização - específicos e acessórios.

A proposição segundo a qual a metáfora pode ser vista como uma transferência analógica que se constrói no discurso se coaduna profundamente com a ideia de que, na enunciação, estão implicados o interlocutores, a situação e os instrumentos linguísticos e isso, ao menos, por um motivo: essa noção de metáfora não está na dependência de uma visão de sentido que suponha uma literalidade e uma consequente figuração. Ao contrário: trata-se de algo que se produz no instante mesmo em que se fala.

O locutor produz metáfora ao transferir analogicamente, numa dada situação, sentidos que produzem, no discurso, novas denominações, ou seja, novos usos. Com isso, parece ser possível distanciar a noção de analogia sobre a qual Benveniste faz operar a ideia de metáfora da visão clássica de analogia associada à metáfora na retórica clássica.

Na retórica (e mesmo na poética), segundo Ricoeur, há quatro traços da metáfora: a) é algo que acontece ao nome; b) é definida em termos de movimento; c) é a transposição de um nome; d) “a transferência vai do gênero à espécie, da espécie ao gênero, da espécie à espécie,

ou se faz segundo a analogia (ou proporção)” (RICOEUR, 2000, p. 38). Analogia podendo ser entendida como: identidade ou similitude de duas relações (cf. RICOEUR, 2000, p. 42).

A analogia, em Benveniste, é algo que se constrói no discurso, é uma evidência da subjetividade na língua, da presença do homem na língua, como diria o próprio Benveniste. Não se trata, pois, da coexistência de um sentido literal e de um sentido figurado, mas de um novo sentido construído na enunciação:

O que em geral caracteriza a enunciação é a *acentuação da relação discursiva com o parceiro*, seja este real ou imaginado, individual ou coletivo.

Esta característica coloca necessariamente o que se pode denominar o *quadro figurativo* da enunciação. Como forma de discurso, a enunciação coloca duas “figuras” igualmente necessárias, uma, origem, a outra, fim da enunciação. É a estrutura do *diálogo*. Duas figuras na posição de parceiros são alternativamente protagonistas da enunciação. Este quadro é dado necessariamente com a definição da enunciação. (BENVENISTE, 1970/1974, p. 85).

É exatamente sobre isso que tentarei falar a seguir: sobre como se constrói a metáfora no quadro figurativo da enunciação na análise de um fato de linguagem de uma criança.

A linguagem da criança em exame: a metáfora na enunciação

Os dados a serem estudados são retirados do *corpus* de Silva (2009). Os dados fazem parte de uma coleta longitudinal feita em um período que foi dos 11 meses aos 3 anos e 4 meses. A criança é uma menina (FRA), de classe média, brasileira, residente na região metropolitana de Porto Alegre.

A transcrição⁷⁴ é feita de acordo com o seguinte modelo: a) informações gerais: participantes, data da coleta, idade da criança, situação de interlocução; b) informações específicas (cf. abaixo); c) informações para a análise que aqui é feita: usa-se negrito para destacar sobre qual parte do dado incidirá a análise.

[?]; indica dúvida.

XXX: indica que uma palavra ou frase não foi entendida pelo transcritor.

Com: indica comentários da situação de enunciação ou interpretações para os dizeres da criança.

O tom ascendente é marcado com maiúscula e o descendente com sublinhado.

@: pausa curta.

@@@: pausa longa.

[=riso]

[=]eventos não verbais e dêixis

/: interrupção brusca de alguma palavra ou frase.

?: entonação de pergunta

⁷⁴ As marcas de transcrição feitas pela autora são mantidas porque elas são suficientes para a análise feita. Altero apenas a numeração das seções de gravação para fins desta análise. Os negritos das transcrições e as numerações são feitos para os fins específicos desta análise.

!: entonação de exclamação.
 ...: fala em suspenso.
 ,: marca utilizada para organizar turno de falas longas ou enumerações.
 -marcas de interação:
 Concordância: uh uh, uh hum, ãh hã.
 Discordância: uh uh, hum hum, ãh ãh.

(cf. SILVA 2009, p. 212).

Os dados

DADO 01

Participantes: MÃE (filmando) e PAI

Data da entrevista: 21-10-2002

Idade da criança: 2;00.17

Situação: FRA brinca de dar banho em uma boneca em sua casa, com a MÃE e PAI interagindo com ela.

1. Com: FRA está no seu quarto, enrolando uma boneca em uma toalha.
2. FRA: mãe, ó mãe vô dá banhu nenê [= mostrando a boneca enrolada em uma toalha]
3. Com: FRA desloca-se e o PAI observa-a.
4. PAI: **vai dá banhu no nenê?**
5. FRA: vai
6. PAI: então vai dá banhu no nenê
7. FRA: pai XXX pra quê pai pai paie
8. Com: silêncio.
9. MÃE: ela faz exatamente o que fazem com ela
10. Com: FRA coloca a boneca na banheira e o PAI está próximo a ela.
11. **MÃE: dá banhu no nenê qui ele tá com frio**
12. FRA: ãh?
13. **PAI: nenê tá com frio**
14. FRA: aicença mãe aincença
15. PAI: dá banhu no nenê
16. FRA: ãh?
17. PAI: dá banhu no nenê qui o pai ti espera aqui
18. Com: FRA retira a boneca da banheira.
19. **FRA: [= risos] nenê nenê tô banhu nenê tô banhu @ nenê tô banhu? Tô**
20. Com: FRA coloca a boneca deitada sobre uma toalha, que está em cima da tampa do vaso.
21. **FRA: ai, vem aqui tô banhu nenê @ nenê tô banhu pai nenê tô banhu pai @ vem aqui nenê @ vem aqui pai vem aqui**
22. Com: FRA dirige-se para o seu quarto com a boneca no colo, enrolada em uma toalha.
23. **FRA: nenê tá frio paie @ ô PAI**
24. Com: FRA abre o guarda-roupa para colocar uma roupa dentro e retira uma outra, jogando em cima da cama. Puxa outras roupas, tentando guardar a que estava em sua mão. Tem dificuldades para alcançar a prateleira para guardar a roupa.
25. FRA: ô mãe ai @@@ ah mãe ô mãe asuda aqui [= tentando colocar a roupa na prateleira do guarda-roupa]
26. MÃE: pédi pru papai ajudá tu
27. PAI: ô PAI VEM CÁ @ XXX aqui vem cá pai PAIÊ PAIÊ PAIÊ ô pai
28. Com: FRA volta a brincar com a boneca na cama.
29. **FRA: agóia vô dá banhu no nenê vô dá banhu**
30. Com: FRA pega a boneca no colo e se dirige para o banheiro.

DADO 02

Participantes: CAR (tia, filmando); MÃE; PAI; EDU (irmão de 7 anos); BET (irmão de 15 anos) e AVÓ

Data da entrevista: 02-11-2002

Idade da criança: 2;00.28

Situação: FRA brinca em sua casa, interagindo com os familiares.

1. Com: FRA brinca com uma boneca no carrinho.
2. FRA: ai @ um quinquê nenê tá [= dirigindo-se com a boneca para o banheiro]
3. Com: FRA assegura a boneca no vaso.
4. **FRA: pshi [= imita o barulho de alguém urinando] cocô [= tirando a boneca do vaso]**
5. CAR: cocô?
6. FRA: é
7. CAR: [= riso]
8. CAR: ele já fez?
9. FRA: já fez [= colocando a boneca de volta no carro]
10. CAR: ah!
11. **FRA: é baba nenê cocô [= colocando a boneca no carro e empurrando o carro]**
12. CAR: ah é? Vai passeá com nenê agora?
13. FRA: vô
14. CAR: ondi tu vai? @@@ hum
15. FRA: nenê cocô [= movimentando o carro para a frente e para trás]
16. CAR: o nenê fez cocô?
17. FRA: feiz
18. CAR: mas qui danadu!
19. **FRA: tem panhá**
20. CAR: tem qui apanhá?
21. FRA: tem
22. CAR: ah ele fez na calça o cocô
23. FRA: fez calça cocô
24. CAR: MAS! Tem qui ensiná então nenê né?
25. FRA: é
26. CAR: ondi é qui ele tem qui fazê então?
27. FRA: piicu
28. CAR: ah no pinicu
29. FRA: é
30. CAR: puxa @ e o nenê não sabi, qui nenê danadu
31. **FRA: a ipô cocô feiz a calça [= pega a boneca novamente de dentro do carro]**

A Análise dos dados

No dado 1, nos enunciados 19, 21 e 23, FRA dirige-se à boneca supondo ser ela um interlocutor capaz de interagir. Observe-se.

Em 19 – **FRA: [= risos] nenê nenê tô banhu nenê tô banhu @ nenê tô banhu? Tô –**, FRA dirige uma pergunta à boneca; em 21 – **FRA: ai, vem aqui tô banhu nenê @ nenê tô banhu pai nenê tô banhu pai @ vem aqui nenê @ vem aqui pai vem aqui –**, FRA faz um apelo à boneca; em 23 – **FRA: nenê tá frio paie @ ô PAI –**, FRA fala sobre o “nenê” ao pai.

No dado 2, algo semelhante se dá. Em 4 – **FRA: pshi [= imita o barulho de alguém urinando] cocô [= tirando a boneca do vaso]** –, vê-se FRA atribuindo à boneca atitudes humanas; em 11 – **FRA: é baba nenê cocô [= colocando a boneca no carro e empurrando o carro]**; em 31 – **FRA: a ipô cocô feiz a calça [= pega a boneca novamente de dentro do carro]**.

Nos dois dados algo de muito interessante acontece: a existência direta de uma atitude de FRA em direção ao interlocutor (a boneca nos dois casos), o que justifica funcionalmente a presença de formas interrogativas (no primeiro dado, [= risos] **nenê nenê tô banhu nenê tô banhu @ nenê tô banhu? Tô**) e de formas declarativas (no segundo dado, **tem panhá**).

Em ambos os casos FRA supõe um destinatário virtual capaz de interação. Essas formulações de pergunta e de declaração supõem um interlocutor capaz de reconhecimento, um interlocutor capaz de ação via linguagem.

Parece, nesse caso, que o que está em jogo é a constituição de um interlocutor (no caso, a boneca). Isso possibilita uma espécie de conflito conceitual generalizado, uma vez que tudo o que é dito nos diálogos acima acaba sendo deslocado para um campo nocional diferente do que se costuma ver: o conflito se dá entre a identidade inanimada factual do interlocutor e a identidade animada que lhe é atribuída na fala. Reconhecendo ao interlocutor a faculdade de falar, FRA humaniza a boneca, ou seja, metaforiza o lugar de locutor. A fonte da metáfora é a orientação dada por FRA ao interlocutor.

Minha hipótese aqui é que FRA, ao metaforizar o lugar de interlocutor humanizando a boneca, coloca em cena as duas figuras da estrutura do *diálogo*, protagonistas da enunciação de que fala Benveniste, o que é necessário para que uma enunciação ocorra. A criança ao se instaurar na linguagem, para usar uma expressão de Silva (2009), parece saber dessa necessidade de interagir. Ela precisa constituir um lugar para si em relação a um lugar do outro, mesmo que esse outro seja inteiramente construído na linguagem, via linguagem.

São duas figuras, na posição de parceiros, que são alternativamente protagonistas da enunciação. Como diz Benveniste, este quadro é dado necessariamente com a definição da enunciação. E FRA instaura esse quadro metaforizando um interlocutor.

A transferência analógica de que fala Benveniste parece se dar na transferência de sentido feita no discurso e que produz uma nova designação: a boneca – ser inanimado – recebe todos os traços de um ser animado para que possa ocupar um lugar na cena enunciativa.

Assim, pode-se dizer que um fenômeno interessante ocorre aqui: a transferência analógica de designação não se apoia sobre em uma “analogia” consolidada, mas em uma analogia que se dá no discurso. No caso do dado 1, a transferência começa a se construir quando em 4 o pai pergunta “**vai dá banhu no nenê?**” e em 11 a mãe acrescenta “**dá banhu no nenê qui ele tá com frio**”. FRA metaforiza um lugar de locutor porque isso já é sugerido pelos locutores adultos que estão na cena com ela.

Considerações finais

Após as observações analíticas em torno dos dados acima, é possível fazer algumas considerações a respeito da construção da metáfora na enunciação.

A primeira e mais importante é que se esboça uma possibilidade de estudo da metáfora no quadro de uma teoria enunciativa. Tudo indica que a noção de metáfora com a qual Benveniste opera é fortemente tributária da tradição retórica, uma vez que a ideia de “transferência analógica” pode ser encontrada já na retórica clássica. No entanto, parece haver algo de novo no pensamento de Benveniste: trata-se de uma metáfora que se constrói no discurso, portanto, dependente do quadro figurativo da enunciação.

Finalmente, as observações iniciais feitas neste trabalho podem indicar um caminho de ver a metáfora, menos ligado às operações lexicais. A metáfora de locutor pode ter um alcance interpretativo para os estudos textuais e discursivos. Além do discurso infantil outros discursos podem ser caracterizados pelo que estou chamando de metáfora de locutor, como por exemplo, as fábulas, o poético, as falas delirantes, entre outras..

REFERÊNCIAS

- BENVENISTE, E. Coup d'œil sur le développement de la linguistique. In: _____. Problèmes de linguistique générale, 1. Paris: Gallimard, 1966 (p. 18-31).
- _____. Remarques sur la fonction du langage dans la découverte freudienne. In: _____. Problèmes de linguistique générale, 1. Paris: Gallimard, 1966 (75- 87).
- _____. La notion de « rythme » dans son expression linguistique. In: _____. Problèmes de linguistique générale, 1. Paris: Gallimard, 1966 (p. 327- 335).
- _____. L'appareil formel de l'énonciation. In: _____. Problèmes de linguistique générale, 2. Paris: Gallimard, 1974 (p. 79-88).
- RICOEUR, Paul. A metáfora viva. São Paulo, Edições Loyola, 500 p.
- SILVA, Carmem Luci Costa. A criança na linguagem: enunciação e aquisição. 1ª Ed. Campinas, SP: Editora Pontes, 297 p.